



CONTRIBUIÇÕES DE UMA DISCIPLINA DE PÓS-GRADUAÇÃO NA CONSTRUÇÃO DO DESENHO METODOLÓGICO DE UMA PESQUISA DE CAMPO

**Maria Celeste de Jesus¹⁻⁴, Priscila Tamiasso Martinhon¹⁻⁴, Maira Monteiro Fróes¹⁻⁴,
Célia Sousa¹⁻⁴**

¹Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, Brasil
(victoreceleste@gmail.com)

²Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia
(HCTE/UFRJ), Rio de Janeiro, Brasil

³Grupo Interdisciplinar de Educação, Eletroquímica, Saúde, Ambiente e Arte (GIEESAA),
Rio de Janeiro, Brasil

⁴Grupo Interinstitucional e Multidisciplinar de Ensino, Pesquisa e Extensão em Ciências
(GIMEnPEC), Rio de Janeiro, Brasil

Resumo: O presente trabalho compartilha reflexões sobre as contribuições de uma disciplina de pós-graduação no processo de reelaboração do desenho metodológico de uma investigação e como esse delineamento original foi modificado a partir de uma experiência(ação) apoiada em uma perspectiva discente~docente~aprendente, com base numa escuta amorosa. Um vídeo foi produzido como trabalho final autoral para a avaliação na disciplina.

Palavras-chave: Relato de Experiência Discente; Etnografia; Observação Participante; Análise Comparativa.

INTRODUÇÃO

A pesquisa de campo enquanto prática metodológica qualitativa etnográfica de coleta empírica contribui para que a observação participante seja de fato útil na forma com que analisa e interpreta os dados (CACHADO, 2021) a partir das (com)vivências experienciadas neste campo.

Apoiado em uma perspectiva discente~docente~aprendente, de enxergar/olhar e ouvir/escutar, o presente trabalho compartilha reflexões sobre as contribuições de uma disciplina de pós-graduação no processo de reelaboração do desenho metodológico de uma investigação e como esse delineamento original foi modificado a partir de uma experiência(ação) dentro e fora da sala de aula.

MATERIAL E MÉTODOS

As ponderações sobre o desenho metodológico se deram durante a avaliação continuada, de uma mestranda do Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia (HCTE), da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), na disciplina “Escuta, Curiosidade e Amor: imaginando e construindo outras universidades e outros mundos”, durante o 1º período letivo de 2022.

A disciplina, em formato de oficina, parte de uma perspectiva construtivista, apoiada em métodos ativos de ensino-aprendizagem para a construção coletiva do conhecimento. Esses três aspectos (Escuta, Curiosidade e Amor) foram analisados e empregados durante o planejamento reverso do desenho metodológico que estrutura o projeto de pesquisa sobre a pergunta de pesquisa de uma dissertação de mestrado.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Não havia uma disciplina pronta: o programa da disciplina inicialmente proposto foi encaminhado pelo professor como “rabiscos iniciais de um possível plano de curso”. Partindo de uma perspectiva construtivista apoiada em métodos ativos, Sem aulas expositivas, os encontros síncronos online eram momentos de debate, troca, dúvidas, discussão e construção coletiva e gradativa da disciplina, como produto final.

Ao resgatar o método construtivista de Piaget que “vê o professor mais como um espectador do desenvolvimento e favorecedor dos processos de descobrimento autônomo de conceitos” (ARGENTO), trazendo-o para a contemporaneidade,



professor Igor rompe com o modelo clássico de identidade docente descrito como “Eu falo e você escuta” focado no professor e não no processo de construção do conhecimento (JESUS, 2019).

O cerne da disciplina “Escuta, Curiosidade e Amor” da possibilidade de ensinar o que não sabemos, por meio de textos que nunca lemos como método de aprendizagem coletiva, põe por terra “a expressão “dar aula” fruto da era do “mundo pronto”” (JESUS, 2019).

Essa perspectiva epistemológica professor Igor-Jean Piaget de um “ambiente empirista” (de uma prática pedagógica aberta a uma escuta do novo e do desconhecido, afetou-me a ponto de reconduzir a proposta inicial da minha pesquisa de mestrado, inicialmente, de cunho documental e bibliográfico, para um viés etnográfico de pesquisa de campo e da observação participante.

Segundo Bellotti e Valério, a observação participante pode ser conceituada como “o processo no qual um investigador estabelece um relacionamento multilateral e de prazo relativamente longo com uma associação humana na sua situação natural com o propósito de desenvolver um entendimento científico daquele grupo” (apud MAY, 2001: 177).

A avaliação foi realizada mediante atividades produzidas ao longo da disciplina e um trabalho final autoral, cujo formato utilizado foi de livre escolha do autor ou autora podendo ser um vídeo, uma performance, um artigo, um poema, uma contação de história ou qualquer outra forma considerada como a mais interessante, desde que contemplasse os três requisitos básicos abordados na disciplina: (1) Curiosidade de algo que não se sabe e se quer saber ou de algo que se sabe pouco e se quer saber mais; (2) Escuta de outras vozes e experiências e (3) Amor em prol de um mundo e/ou de uma universidade diferente (VALENTIM, 2022).

O trabalho final consistiu na produção de um vídeo, tendo a observação participante como prática metodológica qualitativa de coleta de dados a partir da escuta aberta e amorosa de três vozes: um padre de uma Igreja Católica, um dirigente de Casa de Umbanda e uma chef do restaurante de comida afro-brasileira alinhada ao Candomblé.

A curiosidade trazida coaduna o tema de projeto de pesquisa do mestrado. As entrevistas realizadas foram filmadas, mas conduzidas sem perguntas, conduzida de modo que cada um se lançasse para discorrer sobre a minha provocação: de qual era o olhar desses personagens no que diz respeito ao alimento simbolicamente presente nos ritos litúrgicos na promoção da cura, seja do corpo ou da alma, haja vista que ambos não se separam.

A entrevista com o padre foi realizada na sacristia da Igreja Católica de Santa Luzia, no centro da cidade

do Rio de Janeiro. Ele dispôs sobre a mesa a sua batina e todos os utilitários envolvidos na liturgia da Eucaristia. Solicitou a uma colaboradora da igreja que trouxesse as imagens de São Cosme e São Damião dizendo: “agora é hora deles.”. Os santos ficaram dispostos sobre o móvel detrás do sacerdote. Iniciou a gravação sentado, levantando-se depois para simular todo o rito litúrgico como em uma missa. Explicou que “assim como há liturgia em outros credos também há na Igreja Católica, no qual a Eucaristia figura como o rito litúrgico simbolizando a mesa sagrada que faz a comunicação do sagrado para a comunidade. Todavia, não se pode falar da mesa sagrada na igreja sem aludir à história e que a Eucaristia hoje remonta exatamente essa ideia da refeição como lugar de fortalecer os vínculos afetivos e de reunir a comunidade para restaurar a vida. Isso implica entender uma antropologia por trás disso que é o homem como ser integral, corpo e alma: uma alma corporificada e um corpo espiritualizado. A linguagem semiótica na Eucaristia do mistério da transubstanciação do vinho pela benção do Espírito Santo do sangue do Cordeiro, no Novo Testamento, o sangue de Cristo crucificado derramado no altar e o mistério da transubstanciação da água que jorrou do coração de Cristo na Cruz. E o pão (hóstia) pelo mistério da transubstanciação do corpo de Cristo. Portanto, o cálice da Eucaristia com a toalha como mesa posta na refeição, representa o cálice da benção que abençoa a comunidade. Um culto sagrado, seja na Igreja Católica ou em qualquer terreiro, será um culto vazio se não produzir a transformação dos fiéis.”.

O segundo personagem foi um pai de santo da Casa de Umbanda dos Pés Vermelhos, situada no Catete. A filmagem foi feita no terreiro. Vestido de branco e sentado em uma cadeira tendo o altar ao fundo. Fala sobre o rito das oferendas: “o ser humano ao fazer suas oferendas para o divino, automaticamente se põe em uma posição humilde perante o sagrado – a figura da criatura pedindo o toque do criador. Essa oferta, ou seja, essa intenção manifesta em energia física posta em todo o processo ritualístico e no pedido, de alguma forma transpõe esse sagrado para o ser, a partir da fé. É nesse ponto que quando a pessoa, de fato, emocionalmente se coloca diante desse amaci (imantação e libação) oferecido ao sagrado, a mudança será nela vista – a cura ocorre.”.

Por fim, a terceira e última entrevista a ser realizada com a iniciada no Candomblé e chef da Casa de Cultura Omolokum, localizada na Pedra do Sal, no centro da cidade do Rio de Janeiro. Estava vestida de branco e com turbante. Escolheu uma parede verde do terraço como “pano de fundo”. Dispostos sobre a mesa com toalha havia uma imagem de Iansã, salvo engano feita de metal e as roupas de tecido, um vaso com planta (não sei qual era e não perguntei) e um livro de Pierre Verger. Fala da sua iniciação no



candomblé desde 1993, como filha de Pai Bira de Xangô, uma vertente do Ilê Axé Opô Afonjá. “Toda mulher que é iniciada no Candomblé é colocada no melhor lugar da casa que é a cozinha – o coração da casa religiosa. A cozinha é o lugar de iniciação da mulher seja em qualquer idade. A partir da cozinha é que tudo acontece. A cozinha é um dos lugares mais sagrados, além dos quartos de axé, mas é onde começa toda a transformação do alimento em objeto sagrado para ser ofertado e aí haver a conexão com os deuses.” Depois fala de seu trabalho como sendo “conectado a questão do alimento sagrado. Dentro da filosofia Iorubá se acredita que tudo se come alimenta corpo e alma.” Por fim, aborda sobre “outro conceito e outra forma de pensar o comer: comer em comunidade. A convicção na energia, ou seja, na energia alinhada à pessoa que a recebe de modo a trazer a cura. Essa cura, no entanto, não é individual, mas sim coletiva, na medida em que ganha potência e força quando em comunidade.”.

CONCLUSÃO

Ao levar o objeto de estudo para dentro do debate específico da disciplina, cujo foco não é o professor e tampouco o que sabíamos, mas sim no que não sabíamos, ou seja, nossas curiosidades, o delineamento original do meu projeto de pesquisa do mestrado passa por modificações a partir dessa experiência, possibilitando a inclusão de aspectos como a escuta, em que os desdobramentos provocados pelas intercessões, contribuíram com a transdisciplinaridade.

Partindo de todos os referenciais metodológicos descritos neste resumo, pude me lançar na realização de entrevistas, me colocando de forma aberta às informações de modo a estabelecer uma análise comparativa sobre o olhar e a interpretação do alimento como elemento simbólico presente nos ritos litúrgicos nos variados lugares de fala, dos personagens aqui apresentados.

Como considerações parciais, podemos dizer que existe uma possibilidade de cura a partir do alimento, tratado como “sagrado” pela chef e servido aos seus clientes, ou no alimento presente nas oferendas na casa de umbanda com essa intenção ou mesmo durante a participação na Eucaristia na Igreja Católica por meio da fé? Na verdade, não sei. O que posso dizer é que não há nada de sobrenatural nisso tudo: na verdade é tudo natural. A energia é natural.

Quanto à possibilidade de nutrição, pode-se dizer que exista: a nutrição do corpo. O fato é que somos seres integrais: corpo e alma

Concluindo, a observação participante aqui utilizada como metodologia “mostra sua importância da como prática potencialmente revolucionária de modo a contribuir para uma reflexão crítica quanto ao objeto a ser pesquisado” (SHAH, 2020). Uma ferramenta

potente ao nos capacitar para uma escuta amorosa quanto ao processo de re(existência) de culturas, crenças e tradições, ainda marginalizadas e/ou silenciadas, na atualidade, em nosso país.

AGRADECIMENTOS

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001. À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ) pelo apoio financeiro ao projeto Rede Colaborativa de Ensino-Pesquisa-Extensão em Ciências entre Meninas e Mulheres de Instituições Públicas de Educação Básica e Ensino Superior do Estado do Rio de Janeiro.

REFERÊNCIAS

- Argento, Heloisa. Teoria Construtivista. Disponível em: http://www.robertexto.com/archivo5/teoria_constitutivista.htm/>
- Bellotti, Karina K. & Valério, Mairon Escorsi. O Método da Observação Participante: Contribuições e aplicabilidade para pesquisas no campo religioso brasileiro. Revista Aulas. Dossiê Religião. N.4 – abril 2007/julho 2007. Disponível em: https://www.unicamp.br/~aulas/4_5.htm.htm.
- Cachado, Rita. Diário de campo. Um primo diferente na família das ciências sociais. Sociologia & Antropologia [online]. 2021, v. 11, n. 02 [Acessado 15 Julho 2022], pp. 551-572. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/2238-38752021v11n2>>.
- Jesus, Maria Celeste de. O ensino de ciências para crianças: o papel da coordenação pedagógica na implementação de um projeto de ensino de astronomia na faixa etária de 4 a 6 anos. 2019. 96 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização) – Instituto A Vez do Mestre, Universidade Cândido Mendes, Rio de Janeiro, 2019.
- Shah, Alpa. Etnografia? Observação participante, uma prática potencialmente revolucionária. Revista de @ntropologia da UFSCar, 12 (1), jan./jun. 2020da revista.
- Valentim, Igor Vinicius Lima. Escuta, Curiosidade e Amor: imaginando e construindo outras universidades e outros mundos. Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia (HCTE/UFRJ), 1º semestre, 2022. Disponível em: <http://www.hcte.ufrj.br/disciplinas_oferecidas.htm>.